

2 litros de arroz de pilão, 1 litro de farinha de mandioca, 100 gramas de toucinho, 1/2 quilo de carne seca, 6 achas de lenha de cargueiro (pra reforçar os ciscos já guardados), 1/2 quilo de café moquilha, em grão, e também meio litro de arroz com casca, para misturar, pois o café rende mais), 2 litros de feijão rajadinho (bichado), 1 quilo de açúcar de barro, uma quarta de fumo goiano (pra mascar), e um quartilho de querozene e mais alguma quirera...

Lembro-me bem, lá por volta de 38, era essa a compra de sábado, na vendinha do Despraiado. Cheinha de gente da redondeza, fazendo o saco da semana; borracheiros fora de safra, tomando um trago, tremendo de maleita, e até uns ciganos, tentando a sorte... A casa era de páu-a-pique, coberta de palha de acuri, e um menino esmirrado, meio espremido, com os embrulhos envolvidos num braço, continuava pedindo aquilo que, a seu vêr, lhe era de direito líquido e certo — uma JAPA.

— Eu quero uma JAPA, moço, comprei bastante, hoje.

Naquela época, toda a sua feira não passava de uns 6\$000, e ainda tinha trôco de encher um bocó.

— Uma JAPA, seo, me dá, moço... só freguês...

O queixo fincado no balcão (que balcão que nada — uma prancha de-aroieira, por cima duns páus cruzados sobre quatro forquilhas de peroba, e uma fileira de chapões de cobre, 10, 20, 50 e até 100 réis, pregados na beira da prancha. Dizem que dá sorte; chama freguezia). Um gavetão debaixo, onde caía por uma fenda os níqueis graúdos e as pratas de dois mil réis. Só pelo barulho a gente sabia da féria, e sem ver as notas, nem os fiados por prática de freguês curtidor. *Torrador de gallo!*

O queixo fincado no balcão, o pé direito esfregando na batatinha da perna esquerda, fina, fina que até vergava, e os olhos meio vésagos, como que hipnotizando um pedaço de rapadura de cidra, ao lado da balança *lambe-lambe*.

Camisinha de genovêsa listrada, bodóque pendurado no cinto, uma calcinha pela canela, feita de saco de linhagem, tinta dum azul da cor de burro fugido, e familiarmente poída nos fundos.

Ah! Quase me esqueço de dizer: Ele trabalhava como limpador de calçadas, arrancando grama, *durmi-durmi* e *carurú de porco*, nas casas da gente rica do centro; daí suas mãos dum verde encardido, seus dedos cheios de arranhões, *num-sara-num-sara* de morte, e as unhas amareladas de tanto cascar lima de umbigo, numa combinação que lembrava o mastro da bandeira do Brasil, na escolinha da Dona Rita.

Pois é, o carurú de porco, quando vai ficando taludinho, tem espinhos duros como ponta de agulha.

— Mas me dá uma JAPA, aí, moço, qui diacho!...

As horas estão passando, boquinha de noite, e não lhe passava pela cabecinha de vento o lembrete da velha sua mãe:

— Um pé lá, outro aqui. Vai avuano, viu, Miro?!"

E o moço da venda, apurado, meio que pisando nuns pintinhos piando fora do ninho; a galinha carijó, num cró-cró-cró, catando os respingos no meio da sujeita; o moço fazendo a *barb* da freguezia, nem ouvia a *ladainha de Miro*.

J A P A

Também, já lhe tinha roubado no péso e na medida, que mais?!

Só na lenha, a *mão do gato* não passou. Na balança (?) duvido e faço pouco, se não tinha roubo. Então, a pedra amarrada no cordão, por debaixo da mesa furada (?), e a *mão vergada* no bordo da medida de farinha, os pesos de 1/2, 1 e 2 quilos, meio ôcos por dentro, viu!...



O Sono de Lázaro

Lázaro dorme sustentado por quatro ninhos de leite

Quatro palavras de prata

quatro lençóis de vidro.

Ó trêmulos e perdidos caminhos do crepúsculo.

Lagartos de mel

bézouros de seda

espadas de pálpebras

se aninham no suor

e deslizam entre as três colunas

que vigiam o resuscitado

com sete olhares de pombos

e sete azas erguidas.

Lázaro dorme

sobre águas calmas e novas,

sobre uma rede de escamas e fios de sol.

E nem peixes nem aves marinhas

encontram nêla a praia estirada e alva

onde repousam os ossos do dia.

e músculos de terra balbuciam carvão e enxofre

sobre os incêndios da pele.

Lázaro dorme

como um campo depois da sementeira

Como a casa

depois de cerradas as portas.

Lázaro dorme.

Dorme.

ERNANDE SOARES

1255

Enquanto isso, o movimento do bolcho ia entretendo o Miro que dava uma folguinha ao seu Zico, atrapalhado que estava com o "vai 3 soma 5 e 7 noves fora e uma garrafa de "gosto de ti", 45 mil reis certo, conta redonda, cum-padre".

De ladinho, uns quatro piscuilas enquanto jogavam *par ou impar*, à *mão de estuca*, no *biri*, iam fazendo força — osso contra osso — num *pari-gato infruido* que estava, por causa dum calção de querozene que só cabia três. E um outro, metido a *maludo*, por cima dum de cabeça raspada, provocando *prô murro*:

— Cabeça pelado caiu no melado carra-pi-nhéé... pi-nhéé...

Assim, no meio daquele reboliço calpira, de contação de *causos*, das novidades, de reclamação da *ca-restia*, da *ciganada* embaralhando a língua, e de acender um *paieiro* atritando no isqueiro de chifre um pedaço de lima velha — no meio disso tudo — uma cuspada capri-

CONTO DE SILVA FREIRE

chada, chapava, esparramando no barro batido do chão, e lá ficava, até secar como uma aranha caranguejeira meia *chumbada* do fumo mascado. No zúm-zúm-zúm enfe-

zado, de vez por outra, aparecia uma voz molengu e tremida duma velhinha enquirquiada, mas dura que nem cerne, pedindo ao caixeiro:

— Meu fio, qué inchê essa lamparina de quatrocento réis de criouzene, prá sea véia, hum...?

Se me lembro, disso tudo...

— Eu quíria uma JAPA, óóh, moço, me dááá...

— Ora, nhô, num amola, siu... dá lugá prá ôtro, é miô.

Nada de uma JAPA, mesmo; mas Miro insistia:

— Eu quero uma JAPA, eu quero uma JAPA; num saíu daqui sem minha JAPA — falava baixinho, enrolando os dedos, fazendo figa, enquanto batia com um pé no chão.

— Eu só freguês, já faz hora que tô aqui...

Pedro era caixeiro velho, calejado, sem vergonha que só vendo...

— Péra aí, pechincha, arréda, vamo, quero passá...

— Eta bicho caínha! Pão duro! Iguá seu Zico, pú...ú...uxa!

Resmungava Miro, e Pedro cortando toucinho, num calção do lado de fora do balcão.

— Tai, toma, perrenha! Agora sump vivo... seo córno... azula mesmo.

Mas não era a JAPA de rapadura que tanto Miro queria. Um punhado de sal de toucinho, amolecido de corós, que Pedro esfregou na cabeça emperevada do menino, numa falta de vergonha tremenda.

Miro, já magoado, e sentindo o ardume do sal nas feridas, com a tamanha malvez de marmanjo, virou fera.

— Canãia, eu te pincho esta lenha, marvado. Océ faz isso só comigo; se fôsse Jusé, meo irmão, océ haveria é até de pidi pinico. Desavergonhado, eu te pégo no pelote, océ me paga...

Nisso, uma voz rouca rosnou num outro canto, de cima duma escada junto à parede:

— Si fôsse meu fio, ao meno meu parente, por Deus... nem num gosto de alembra... — e continuou cafunhando o ouvido com um fiapo de lenha.

O outro camarada mais de banda, testa enrugada pesando em cima dos olhos, mordeu os beiços, e até gostou que Miro fôsse seu filho, só prá comprar um barulho...

Mas, Miro chorava de sentimento e de raiva. Menino do interior não chora de medo. Seu Zico que já tinha *manjado* o parecer do outro parente, da escada, meio que pigarreou, e:

— Pedro, val lá dentro, vai vê se já botarum cumida prá criação, val.

— Sim, sinhô, patrão.

Foi água na fervura, e o falatório voltou ao ré; enquanto um cabala safado, só pra provocar o *cordão* do seu Bento sapateiro, que vinha chegando, pôz um verso meio ensebado:

"Encontrêi com dois papudos,
lá no largo da cadeia,
bateno papo com papo
prá ganhá pataca e melá".

Felizmente, seu Bento era um tanto surdo e não deu pela provocação; Miro continuava emburrado, encostado no balcão, como que não querendo se dar por vencido.

De repente, moço, parecia que o mundo vinha abaixo. Só vi o Miro juntando os páus de lenha, os embrulhos cai-caindo, grãos de milho saindo nos buraquinhos necessários do sapiquá, e nem mais um pio.

Era o seu Romão, pai de Miro que botou o carão na porta da venda, e começou o destempêro:

— Miíiro?

(Cont. na pág. seguinte)

Tomo a liberdade de enviar aos mais esforçados rebentos da mocidade literária de Mato Grosso, a título de esclarecimento, alguns trechos da atualidade beletística carioca, selecionados das publicações de um simples domingo. Um recado de amigo, que deseja tão somente o progresso do nosso Estado, revelando-se além do mais no setor das letras, onde, como consequência dos fatores socio-econômicos, naturalmente há também estagnação.

É o matutino A MANHÃ, órgão ultra conservador da Capital da

de eternidade, busca fixar o homem social não somente através dos atos exteriores, mas, principalmente, das reações inconscientes e profundas".

Se alguém não deseja progredir, marchar com os tempos modernos, se deseja continuar na estagnação, pode temporariamente permanecer nesta posição, inclusive externando conceitos reacionários e que tais, pois, a democracia vigente permite também isto. Mas não podemos ficar surdos à evidência dos fatos.

A imprensa dominical nos trás ainda este trecho da crítica de

homem do campo a corromper a consciência e a converter-se em instrumentos do banditismo político dos coronéis do interior. Isso que é uma exceção, uma revoltante exceção, na vida de nosso povo, está no livro do Sr. Rui Santos como um DESTINO LÓGICO, uma fatalidade ACEITÁVEL para o beiradeiro do S. Francisco. Mas se lhe faltam simpatias pela sorte dos camponeses, estas sobram ao autor para com os latifundiários e grandes comerciantes como o seu Alvaro e o coronel Adolfo".

Não se confundem Modernismo Literário com Literatura Moderna. Mas as forças progressistas da literatura, se por um lado, têm de penetrar com maior profundidade no conhecimento das reações inconscientes do ser humano, exigindo para isso maior capacidade científica por parte do escritor, por outro lado, a literatura moderna não pode afastar-se da realidade social. Tem mesmo de ser um instrumento positivo na luta pela felicidade do homem que trabalha. O partidário da corrente modernista de literatura tem que ser um indivíduo estudioso, capaz de honrar com a sua crescente cultura, as características do seu tempo. O escritor moderno, modernista ou não, pelo menos tem de orientar-se para o caminho sadio dos vanguardistas das conquistas sociais, quer cantando os feitos dos heróis dos tempos modernos, quer ditando rumos ou situando nos devidos termos as justas reações dos agrupamentos humanos. Não mais, e gastar papel, tão somente. Papel este perfeitamente utilizável nas múltiplas atividades criadoras do homem.

OSIRIS ...

(Conclusão)

cido, não sei o que quero. Sem entender, começo a achar que ele devia saber tudo, que não era preciso falar. Sentia-me ofendido dele exigir de mim um esclarecimento dispensável. Súbito, sem erguer a cabeça, ele move para mim uns olhos verdes, profundos, duma beleza assustadora. Tive medo. Minhas mãos tremeram inquietas, meus olhos foram-se prender aos seus pés assentados no soalho, os sapatos pretos sem lustro, ressequidos.

— Venha até o quintal comigo, pode ser?, disse-lhe num esforço supremo.

Vislumbrei no seu rosto um clarão de terror. Lambeu os lábios, sorriu constrangido e acedeu. Atravessamos o quarto, vi a cama de casal, os retratos. Ao chegar à cozinha, sua mão pousou em meu ombro. Virei-me assustado.

— Um momento, disse-me, e voltou na direção da sala, em passo calmo, como se fosse buscar alguma coisa; caminhei até à porta do quintal e parei no limiar, à sua espera. Em meu ombro durava o leve peso de sua mão. Ergui o olhar para o alto, a copa do cajueiro perdia-se na neblina. Era inverno. Pensei em meus irmãos lá em cima, sem mim. Lembro-me de que nosso pai não voltou. Que teria sucedido? Corro até à sala. Ninguém. A porta entreaberta, as duas maletas ao lado, na posição em que ele as pusera. Dum salto, espio para a rua. Nosso pai descia aos pinotes e desabaladamente a ladeira esburacada. Na mesma carreira ele sumiu na curva da rua, junto do capinzal.

Modernismo Literário e Literatura Moderna

Cristino de Miranda

República, /quem publica, sob a assinatura de CRISTIANO MARTINS, primeira página, domingo, 22 de março p.p. o seguinte:

"O MODERNISMO literário, no sentido de afirmação de tendências recentes, ou renovação de temas e motivos, ou de substituição do estilo antigo por um novo estilo, não é manifestação isolada ou episódica de um sentimento circunstancial. É antes um fenômeno cíclico que se repete com manifesta regularidade, ostentando, a cada ocorrência, um conjunto de características perfeitamente reconhecíveis. Quando reponta, trás no seu processo a identidade mecânica com o infinito número de movimentos anteriores. As condições da época é que mudam, segundo a oscilante fisionomia da vida, acrescida a cada passo de novos traços, novas perspectivas, novas cores, novos planos — Proteu de inumeráveis transformações. Cada gênero chega, e olhando em torno de si cuida de reconstruir o mundo; cada geração atinge à consciência intelectual, e descompreende o trabalho já cumprido ao redor de si, e se impacienta por cumpri-lo ela própria — o que a move pode ser um GESTO INEDITO dentro do relativismo do presente, mas é apenas, para o olhar que guarda a perspectiva do tempo, um Gesto que se renova... nada mais sugestivo e mais belo que, no domínio do pensamento, o grito de rebeldia, de independência, de atrevida afirmação. Nada mais fecundo, igualmente, que a ousadia que quer ver por si mesma o jogo de elementos e a face do destino".

Notamos a serenidade do articulista, filiado que é aos críticos contemplativos, contudo, ressalta aos olhos a observação de que o MODERNISMO LITERÁRIO é um gesto inédito na relatividade do presente e a concordância do escritor com o belo gesto da nova geração literária, representado no eterno grito de rebeldia dos que têm a coragem de romper com as correntes do passado, não por descompreendê-las, como diz o escritor, mas por não desejarem marcar passo com elas, em detrimento do progresso.

LETRAS E ARTES, Suplemento Literário de A MANHÃ, no mesmo dia, sob a assinatura de A. J. de Figueiredo, a certa altura conclui: "O romance moderno, numa ânsia

Paulo Siqueira, ao livro do Sr. Rui Santos, AGUA BARRENTE: "Em água Barrenta vemos a história mover-se ao contrário do seu sentido típico (O livro é de literatura regionalista). O período de quatro anos, em que se desenvolve a narração, o autor gasta-o na degradação do seu personagem principal, em apagar na sua alma os sentimentos mais puros, aqueles que, em regra e por tradição, identificam a população trabalhadora das essas zonas sertanejas. Não quis sequer o romancista mostrar-se fiel à REALIDADE SOCIAL fazendo emergir, do quadro de miséria que descreve, as causas verdadeiras que forçam um ou outro



SONHO DOS MORTOS

O sonho dos mortos transfigura-se na tela das pálpebras cerradas, No mistério dos tempos sem limite Com palavras e pensamentos. Esquece a notabilidade das estrélas, A névoa gelada das manhãs de inverno E cresce na indiferença dos vermes e das flôres que lhe brotam da cova. O sonho dos mortos, desconhece os declínios da lua dos mares, das coisas

E espia o movimento dos astros com a posse do sortilégio. O sonho dos olhos mortos, Está vazio de consultas, Corre nas atmosferas da poesia E por elas se anula no recolhimento da unidade. O sonho dos mortos ou da essência, Desde ao abissal dos mares, Contem-se na poeira dos astros E dilui-se nas águas da terra. É o gosto dos frutos — sonho — Semente de montanhas E se perde na praga e no lamento dos profetas — No sono dos mortos não há mistério.

NATANIEL DANTAS

JAPA

(Conclusão)

— Sinhô, pai.
— Que tá esperano, vagabundo? Já prá casa, seu cachorro.
— Já tô ino, pai.
— A casa tá no escuro e ôce num leva êsse mardito do criouze, muleque?!
Na porta da rua, pegou pela orelha de Miro, e estranhou o corpo estranho na cabeça do filho. Ferida ele não via, só sal e...
— Que já andô fazeno (?) na mulecage ôtra vez, num é?
— Não sinhô, pai, é qui eu táava...
— Táva na vadiage vagabundo; ôce vai é ficá de juêio no perdeguido, prá criá vergonha nessa cara.

Vamo, pánha lstrada; caminha, palerma, dexano osotro limpá mão na sua cabeça.

Só pra isso que serve mêmo, e prá comê, nada mais.

Ainda se escutava o brado do homem, estrada a dentro. Miro que também ajudava com seu dinheirinho, nem tinha tempo de se explicar; de pedir uma vingança no Pedro caixeiro. Já não adiantava mais pedir, pois o pai achava que ele só prestava mesmo prá comer e vadiar, mas, penso que tentou explicar, por causa do silêncio, na estrada; e ouviu-se novamente, o bêrro:

— Cala bôca, qui é. Ôce precisa é de entrá numa côça de fedegoso; que tá pensano cumigo (?) hum! Caminha, que tá ficano prá trás.
Miro devia estar fungando de dôr. Tinha levado uma topada na soleira da porta, ao sair da venda.

Nosso pai era um fraticida. Ele vivia nu, ultimamente; parava no centro do quintal, manhãs inteiras, examinando os pêcos da virilha, coçando-se. Relembro-o nessa labuta, ao sol claro, a espinha curvada, as pernas obedecendo às exigências do exame. Um grande homem o nosso querido pai!, muito magro, muito alto, florescido de cabelos como um velho tronco tomado de parasita. Trepávamos num cajueiro de longos braços amigos, riamos entre a folhagem, mordíamos com alegria as frutas maduras (nossos rostos brilham na minha lembrança; de novo escuto os dentes fendendo a polpa amadurecida) Comer o que está maduro é um dos nossos poucos atos legítimos. Eramos cento e vinte, a mais, vivendo entre aquelas folhas calmas, que o sol aravessava, mas não sem se tornar, ele também, mais vegetal, mais humilde. No embalo daqueles ramos, como num mar-alto, é que eu tive coragem para compreender que a humildade é uma virtude vegetal. Dormíamos dentro do tronco, dentro dos talos e das folhas ainda enroladas de novas.

A casa, por cima, nunca nos pertencera. Dentro, nos seus recantos mais obscuros, debaixo dos móveis, sob o soalho onde a terra é duma tristeza que eu jamais suportei, no fôrro sempre anofitecido, passava a verdadeira parte de nossa vida. Meu irmão mais novo, nosso irmão, amava dormir com o rosto pousado no chão frio e cimentado da cozinha. No tempo em que nossa mãe era sadia, ela deitava os seus grandes olhos no rosto do menino e sorria feliz, por ver que ele amava o chão da cozinha como a um cão, e como um cão. Ninguém jamais possuía mãos tão esquecidas quanto as dele; recorde de seus longos dedos brancos, duma opacidade de giz, que pareciam jamais tocar e conhecer as causas do mundo, como duas crianças gêmeas, sempre de costas para nós. Um dia (nossa mãe morrera na manhã anterior) nosso irmão mais novo ressenava com um lado do rosto deitado no cimento da cozinha. Eu, sentado entre o fogão sem lume e o armário entreaberto, fitava, pela janela da grade, e de sol, um céu longínquo, dum azul de vidro, vazado de luz. Atirado naquele obscuro canto da casa (e eu me disse: um obscuro canto deste universo!), acude apenas chega um céu matinal, eu, arrebatado pela sua beleza, imaginava fora daquelas paredes um mundo coberto de meninas sorridentes, cujos pés calçados de alpercatas pisavam os campos, as flores, a relva que esplendia! Que vida! Ah! Meu pai, nu, passeando a sua sombra dum para o outro lado do quintal, atravessava, de momento a momento, a minha imaginação delirante. Ele ia do muro de pedra à velha cerca recoberta de matos, onde amanheciam pequenas flores amarelas e vulgares. Houve um tempo em que as amamos. Minha mãe, nossa mãe, morrera e todos nós a esquecemos já no fim da tarde, como ela sempre temera. E' que nós éramos demasiado belos, todos nós! Cada um tinha no outro um abismo. Os nossos cabelos, os nossos olhos possuíam aquela beleza sublime e perigosa que degrada os amantes, e os torna infernais. A vida era demasiado feérica, para que alguma coisa deixasse marca em nosso coração. Meu pai é que chorava sob o sol, no quintal; ele amava a cabeça de nossa mãe, os seus cabelos vermelhos. Espiei pela janela, contendo o riso. Vi as suas pernas magras e cobertas de pelos, onde a luz do sol brilhava. Foi a primeira visão dolorosa que eu tive do mundo. Aquelas pernas ao sol! Luto por não soluçar, se as relembro. Soluço.

Aquela manhã, quando a claridade do dia, caminhando pelo chão da cozinha, alcançou o rosto adormecido de nosso irmão, vi que as suas feições se tinham transformado, e que ele sorria no seu sono, feliz e puro, com um rosto de cão. Também, foi essa a única parte de seu corpo que se

estranha e arrebatadora. O ar de nossa pobre casa parecia despertar de sua estéril indiferença e, como um solo tocado de magia, rebentava florescido. E exalava pelos aposentos cheios de pó e bichos, um perfume tão humilde e tão dolorido, que todos nós começávamos a soluçar. Eramos uns cento e vinte,

noite, pelas falhas do telhado, acima de meu leito. A azulão clarão do céu noturno vinha tocar o meu rosto. Eu pensava na tolice da simbologia. Olhava as estrelas concisas e claras. Numas dessas noites mudamo-nos definitivamente para o cajueiro.

Nosso pai não foi. Ele amava o quintal. As plantas cresciam ali, em torno dele, num misterio sem aiares, de que ele também, a força de estar com elas, se sentia participar. Isso talvez o prendesse. Amo estas plantas, dizia, passando a mão pelas folhas macias, duma realidade tão fresca e guardada, como pelo dorso dum cão fiel. E o rosto de nosso pai se iluminava. Não vou daqui por nenhum preço. Disse, e sentou-se ao pé duma pequena planta que logo se agitou, restava, ao seu lado, como um animal feliz, como se ela quisesse pular para o seu colo e lambê-lo o rosto. Não esperamos por mais, ele não iria. Numa algazarra de risos, patavras, pernas e braços, pulamos, uns pela cerca outros pelo muro, e ganhamos a árvore, que se erguia como uma arquitetura saudável e progressiva, acima de nossa casa, acima de nossa longa vida em seus aposentos. Invadimos a como se profanassemos um templo; a sua tranquilidade rodeada de grandes folhas quietas, duma gravidade silenciosa; e nos instalamos ali, sem mais respeito pelo mundo privado que a árvore construira com os elementos de sua vida e erguera no ar limpo, para os passaros e para as abelhas. Mas a árvore era sábia. Breve ela nos assimilava. Em poucos dias pertencíamos tanto ao conjunto de seu cosmos como as suas folhas e os seus frutos. Eramos, desde aí, parte da árvore, necessitávamos dela como de nosso corpo. Amávamos os seus galhos e aquela atmosfera de sumos e cores que ela sustentava contra os dias, o sol e o vento ruins. Nossos pés, nossas mãos iam aderindo a ela, perdiam sua tragicidade animal. O nosso hálito tinha já o perfume de suas resinas, aquele perfume que muita vez exalava desatado sobre nosso quintal, em certa, manhãs que se vão distanciando irremediavelmente. A gente finge, mas a vida, nós a amamos sempre.

Numa daquelas manhãs, movendo-nos dentro do seu perfume, eu e meus irmãos brincávamos, junto à cerca de varas, coberta de mato florescido. O vento fazia ondular as folhas, acima de nossas cabeças. Riamos. Nossa mãe estava lá dentro, cuidando da casa, isso era uma segurança onde o nosso corpo crescia, enquanto brincávamos. Agora, enroscado no caule duma flor desta árvore, vivendo de sua seiva fria e calma, eu o recorde. As vezes, desentrosco-me e, debruçado para fora, vejo o nosso pai, lá em baixo, catando-se. A seiva influi certamente na minha memória. As cenas que recorde, hoje, trazem um gosto, uma temperatura diversa daquela que sinto ter sido a verdadeira, e que em alguma parte de mim jaz inviolável, mas, também, irrecuperável. As posições que meu pai ia tomando, lá no chão, comunicavam-me qualquer coisa de muito doloroso que a minha inteligência não precisava, um homem se move, ao sol claro do dia, demora olhando o ventre; depois, abaixa-se mais; demora; anda para um lado, introduz a mão direita sob os testículos. Eu sentia que em alguma altura terrível deste universo, aqueles movimentos, morosos, negligentes, gastavam uma eternidade de tempo que se precipitava, sem rumor e sem o conhecimento de nenhum sér, numa pavorosa cratera de ar! A flor onde me alojo vai crescendo, num rabalho que estremece meus pés. (Cont. na pag. 6).

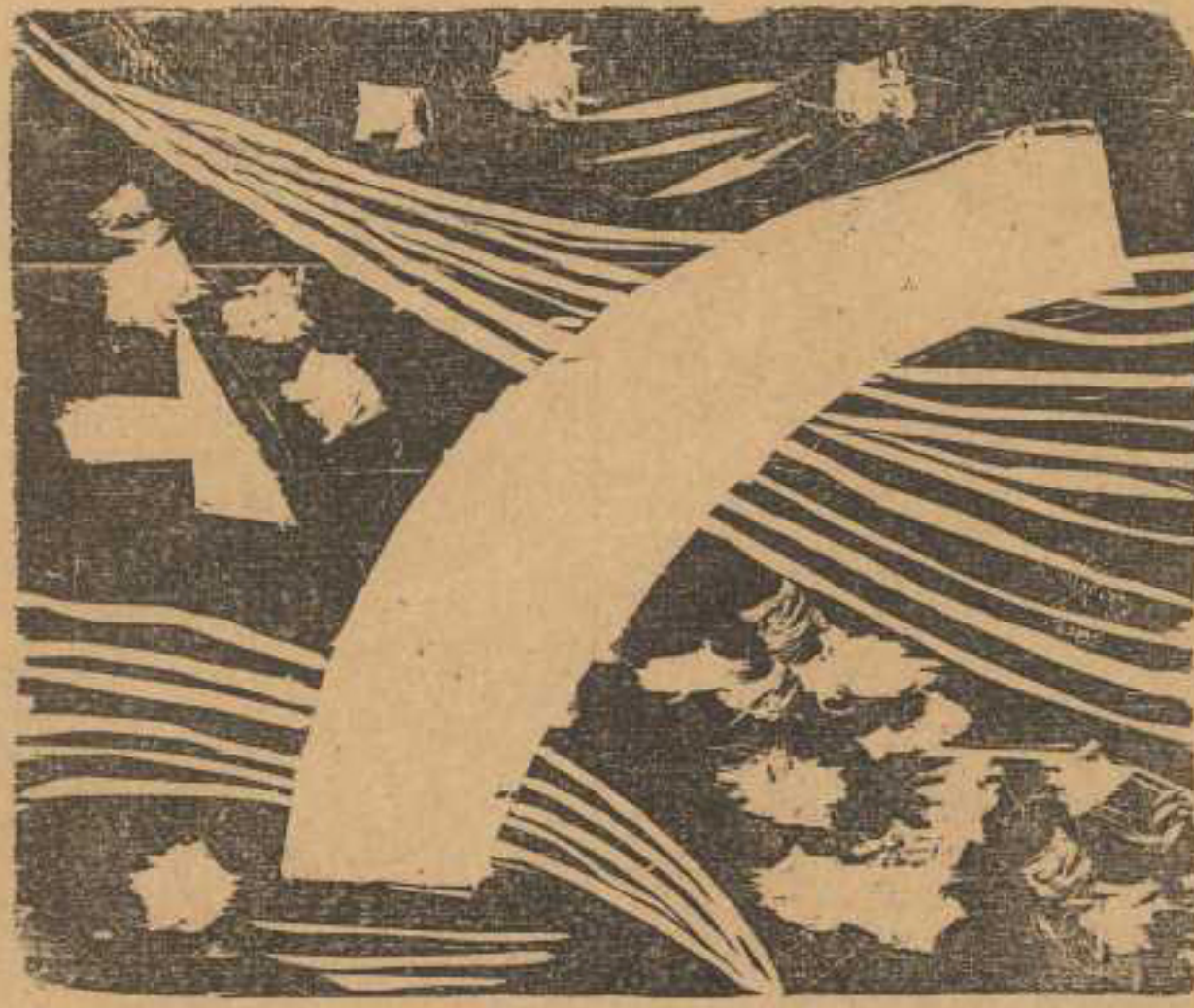
Osiris come flores

FERREIRA GULLAR

modificou. No mais, permaneceu o mesmo menino amado de todos nós, longe de todos nós. A tarde duma tranquilidade vasia ficou clareando a nossa cozinha, como um olho. O vento mexia as franjas da toalha. Uma mosca rodava em torno de minha cabeça, sonoramente. A voz de minha mãe vinha da varanda, mas longe como se ela não cantasse naquela mesma tarde.

A primavera em nossa casa durou até a morte de nossa mãe. Era uma primavera de palavras, que ela repartia conosco durante as horas do dia, e à mesa, nas refeições, quando os seus dentes, altos e grandes, sorrindo, pareciam apagar a insuportável feitura de seu rosto. A tarde ela cantava, embalando-se loucamente em uma rede atada na varanda. Primavera! A sua voz então era duma melodia

a mais. A boca de nossa mãe, nessas tardes, voando com a rede, iluminava-se duma estranha maldição das palavras. Seu canto era cada vez zmais alto, se ela escutava os nossos soluços, sufocados nas palmas das mãos. Era a sua vingança. Mas ela morreu e nós a esquecemos. Os seus cabelos avermelhados ficaram muito tempo à vista, fora da terra, porque meu pai os amava e queria continuar a vê-los. Enterrou-a em pé, e deixou que a sua cabeça ficasse rente à superfície do solo. Seus cabelos foram, durante o inverno, lavados pela chuva, enlameados. Depois vinha o sol e os secava. O vento fazia-os rolar com a poeira e os fragmentos de folhas e talos ressequidos. Por fim, eles se gastaram, sumiram, ninguém sabe ao certo essas coisas. Enquanto isso eu olhava a



O BARCO

Entre o abrigo das pedras
e o remoto berço das ondas
um velho barco se desfigura.
Em que recanto estive
o pescador ausente
que a memória do barco tão pronto esqueceu?
Um recuo contra as pedras
e um abraço quente das águas
e o barco não voga mais.
O que era história de homens
e de mulheres antigas
hoje memória de peixes, prisão de algas.
Continente desaparecido nas águas
tua silhueta obscura desenhada
entre o murmúrio das ondas naufragas.
Ó barcos que demorais a morrer
poupai-nos ondas o trágico destino
de vê-los morrer hora a hora como nós.

Francisco da Rocha Filho

O MUNDO SUBMERSO DE CORNÉLIO PENA, perdido no abismal território da memória longínqua. A infância perdida no tempo, evocações de fatos diluídos na distância, reconstituindo seres e fatos de uma cidade antiga, parada na lembrança e na distância. E "Fronteira", "Dois romances de Nico Hortá" e "Repouso" nos levam até os limites do transcendentalismo, fundindo real e irreal nas regiões abissais da consciência. Talvez, um André Le Breton, um Aimé Césaire ou a inspiração surrealista de um Raymond Radiguet se encontrassem com a estética de Cornélio Pena, no relativo à procura do conciente ininteligível da recordação, de que Proust em "A la recherche du temps perdu" e Alain Fournier em "Le Grand Meaulnes" são os máximos intérpretes da nossa época.

TODA A POESIA PORTUGUESA, refiro-me à da fonte mais pura e cristalina, é derivado do cancionero popular, tendo por lídima expressão a redondilha. Na lírica de Camões, antes de se ver influência de Petrarca, deve-se buscar cantigas do povo na voz dos seus trovadores. Gil Vicente é o populacho da Renascença em dichotes chistosos e anexins significativos. Bocage é a noite mal dormida das tabernas, com ditos fesceninos e sonetos arcádicos. No "Cristal" de Cristóvão Falcão, nas "Fóllhas Caídas" de Almeida Garret ou nos versos de inspiração vergiliana de Marquês de Alorna repontam o filão genuíno do folclore português.

No "Cancioneiro de Dom Diniz" e na lírica de Garcia de Rezende há a voz da terra lusa soluçando em cantos de saudades e melancolia, como as cartas de Sôror Mariana e as trovas anônimas, reunidas em recoltas por um poeta coimbrão: Alberto d'Oliveira. Dentro da nebulosidade trágica de Antero há as floridas "Primaveras Românticas" e em João de Deus há cantigas de roda murmuradas sob lâmpioes de ruas excusas. Até as canções gregas de um António Boto a delicadeza aristocrata de Eugénio de Castro. O spleen brumal e tético de António Nobre, o pesimismo à Poe e Schopenhauer de José Duro de "Fel", o rumor confuso das ruas e dos cais em Cesário Verde até a eurlímia acentuadamente popular da melódica de Guerra Junqueiro, temos aí um instante de beleza da poesia lusitana, vindo diretamente do amago de um povo da raça, até suas mais obscuras origens. O coquetismo plitural à Watteau e Fragonard de Júlio Dantas, o simbolismo sugestivo de António Feijó, as rondas de um dulçor primitivo de Fernanda de Castro e Natércia Freire, até a poesia intimista de Virginia Vitorino, passando pela poética supreendente de Carlos de Queiroz do "Desconhecido", do José Régio dos lamentos de guitarra de "O fado" ou a poesia excepcionalmente original do Mário de Sá Carneiro, Camilo Pêçanha e Fernando Pessoa, aí podemos apontar com precisão infinita a voz anônima do populário a cantar. O "Diário" de Miguel Torga, a poesia de intensa amargura de Florbela Espanca, o lirismo delicado de Sá de Miranda, a tragédia de Joaquim Ferreira (A. Castro), o abstracionismo noturno de António Quadros, passando pelos versos de Afonso Lopes Vieira que são murmurios de ondas na voz dos búzios soluçantes, não esqueço um Teixeira Pascoais, aí nunca o poeta se esquece da velha terra portuguesa das varinas dos cais úmidos e nevoentos de Lisboa ou da cadência lânguida e moura de

LITERATURA - TEATRO - MÚSICA E CINEMA

Por IRONIDES RODRIGUES

um triste fado, que talvez numa Mouraria distante, uma apaixonada Severa canta morrendo de amor na guitarra, a um Marialva desconhecido.

E uma voz interior me repetia: "Talvez seja apenas o lamento, da voz do vento na cerração, levando apenas, por um momento, por um momento, a embarcação".

Versos de infância como os que fizera Rilke e Hoelderlin na puerícia e talvez o Rimbaud de "Uma estação no inferno". Ah! infância dos livros de gravuras, meninas de tranças e malvas ressequidas dentro dos livros. Só um Cocteau, Jacques de Lacretelle, Jean Aicard e um Raul Pompéia, Com Otávio de Faria poderiam descrever em minúcias de psicólogos que esvurmam o coração inquieto da infância.

POESIA NOVA DE UMA ÉPOCA INQUIETA. Uns em ância absoluta em pós dos caminhos clássicos. Outros em sendas não trilhadas, num hermetismo proposital de abstracionismo bem Matisse, Braque ou Chirico. Repontam aqui e ali um canto de alaúde à Verlaine e Samain. Refiro-me ao "Menino e Anjo" de Van Java, dos mais belos livros de poemas do ano, a "Elegia a um Poeta Morto" de Reynaldo Bayrão, "Mar Submerso" de Bueno Rivera, "Baladas do nuna mais" de Ilka Sanches, "O túnel" de Felix de Sousa, "Fuga" de Moema Ferreira. "A Herança" de Marcos Konder Reis, até a musicalidade encantadora dos versos espontâneos do notável poeta paraibano, Jansen Filho em "Coruja do meu bairro". Existe aí nestes volumes todos uma busca do inefável e da profusa beleza, um tal encanto de inspiração, ritmos audaciosos e originais, que não receei colocá-los entre o que de melhor e editou de poesia no Brasil. Em "Rua dos poetas caídos" de Kim de Oliveira, há cantilenas nos embalando o ouvido de uma melodia de berceuse de Hayden e List. E quantos novos de talentos cujos originais li, em busca de uma editora. Quando se publicar Rodrigues Marques, um Waldimir Dias Pino (O Roxeador de Orquideas), um Silva Freire (Paisagem Além do Homem) um Washington Guilherme (O Cisne Ruivo), João Batista Machado (Diário de João), Milton Emery (In Memoriam), Milton Mattos ou Guimarães Paulo, então se verá que esta rapaziada tão avançada de estética, só está esperando que se lhes dê uma oportunidade para aparecer e superar os Léo Ivo e Thlago de Melo de fãncaria. São poetas na mais pura essência, sem o artificialismo intelectual da poesia livrêsca e abstrata dos nossos suplementos domingueiros e revistas "de vanguarda"... São tão ciosos da sua arte e independentes em suas atitudes, que recusariam terminantemente os apadrinhamentos suspeitos dos Carlos Drummond e dos Manuel Bandeira de decadência...

O TEATRO deve sair do seu âmbito citadino e percorrer as mais distantes regiões do país. O governo deveria patrociná-los os grupos de amadores que são os únicos a fa-

zerem teatro sério entre nós. O Teatro Duse, o Conservatório Nacional de Teatros e a Escola Dramática da Prefeitura deram lições de arte em muitos medalhões emplumados como Rodolfo Mayer, Procópio e Jayme Costa. "A Falecida" de Nelson Rodrigues, é um alerta de que a arte de hoje pertence aos jovens. Alvaro Meyer e Henrique Pongetti já reconheceram esta verdade, há muito tempo. Resta a velharia "artística" entregar os pontos... Tanta "prata" ruim aqui por casa, e morrer um idealista como Renato Viana. Deve-se dar ao público em pilulas lentas Lenormand, Sófocles, Esquilo, Julien Green, Ibsen, Maeterlink, Kafka (Le Procés), Superville, Mauriac, Claudel, Oneil, Sherwood, Shakespeare, Ben Johnson, Molière e Goldoni. Trazer repertórios novos de um José Régio Sartre, Cocteau, Nelson Rodrigues, Francisco Pereira da Silva (Lázaro) e outros valores indiscutíveis do bom teatro. Já é tempo de pôr um fim aos francos alitradores do teatro fácil e inexpressivo de nossa ribalta. Claude Debussy jamais influenciou ao Maurice Ravel de "A Criança e os sortilégios", "Mãe Loye" e "Rapsódia espanhola", assim como é mínima a influência de Chopin em Ernesto Nazareth. Também não sei até que ponto um Vincent d'Indy mudou a estética de um Vila Lobos, como é difícil precisar a gênese rítmica de um Sibellus na "Valsa triste", "Finlândia", e "Cisne de Tuonela" ou o Grieg de "A morte de Asas" do "Peer Gynt". Em Auric e Joseph Kosma temos a melodia envolvente dos boulevards, assim como em Arthur Honneger temos os trilos melancólicos das locomotivas entrando nas gares perdidas. Se em Richard Strauss de "Salomé", "Morte e Transfiguração" e "Assim falou Zaratustra" há todo um pensamento germânico em nebulosa, como Herder, Lessing Nietzsche e Schiller, o mesmo podemos afirmar que nos tangos, valsas, schotschs, batuques e sambas de Ernesto Nazareth, Eduardo Souto, Donga Noel Rosa Bororó, Vila Lobos, Sinhô ou Chiquinha Gonzaga, há todo um momento musical brasileiro, dentro de um ritmo triste e cadenciado bem do nosso povo.

E' NUM OUTONO BRUMOSO que se deve ler os livros de poesia. Há como uma música lenta de câmara em cada verso de Dirceu Quintanilha (O Roteiro Perdido e Inútil Espera), Cid Corrêia Lopes (Cânticos da água e do fogo) Nilo Aparecida Pinto (A música da fonte e A rosa de Sharon), Maria Isabel (A rosa leve), Haydée Nicolussi (Festa na Sombra), Angelus Eloim versos de um barroquismo tão Paul Valéry que é "Elegia Diurna" de J. P. Moreira da Fonseca. Há tal cristalização de beleza nestes livros, que merece a atenção serena da crítica, no que relaciona a mensagem original e palpante de poetas jovens como Jansen Filho e João Batista Machado. Se um Carlos Drummond decaiu como "Rosa do Povo" e "Viola de Bolso" e Bandeira assinou até uma "Lira do Brigadeiro" e outras anedotas livres, em compensação uma Henriqueta Lisboa (Face Lívica), Tasso da Silveira (Contemplação do Eterno), Emílio Moura (Can-

cionerio) e Murilo Araújo (Luz Perdida) redimem uma literatura com uma poesia densa e profunda como o infinito mar.

E' PENA QUE O CINEMA apesar de ser a sétima arte, não me dê a euforia que sinto vendo as telas de um Portinari, Degas, Utrilo ou as esculturas sobrehumanas de Rodin, não esquecendo a música de Beethoven que Backaus executa com tanta alma, e o Chopin evocativo e lunar de Brailowski e Cortot e um Albeniz e Granados nas teclas de Tomaz Teeran e Arnaldo Estrêla com cortes perfeitos, continuidade a primor e uma linguagem escurreita de cinema, só vi de realmente valioso neste semestre passado: "O mundo não perdôa" de Clarence Brawn, "A morte do caixeiro viajante" com Frederic March, "O cavaleiro da Aventura" de Julien Duvivier, "Feiticeiro do Céu", de Henri Blys thène, "Domingo de Verão" de Luciano Emmer, "Mulheres e Luzes" de Latuada, "O único homem virgem sobre a terra" de Jean Boyer, "O Cangaceiro" de Lima Barreto. "A Grande Perfidia" com Raimu e Marie Bell, "O nono mandamento" e "A mulher sem pecado" de Preston Sturges, "As neves de Killmanjaro" de Henry King, "Porta do Céu" de Vitorio de Sica, "Amei um Bicheiro" de Paulo Verderley e Jorge Teli, "Uma Pulga na Balança" de Luciano Salce, a beleza plástica dos negros com o som de urucungo de "Sinhá Moça" de Tom Payne e a beleza exoticamente americana do fascinante e tão discutido "Amores de Casbah" com Viviane Remance, com a cena antológica do adolescente puro, morrendo, morrendo ao receber o seu primeiro beijo de amor, de uma prostituta velha de lupanar. Jean Dréville nos deu até agora o melhor filme do ano, aquele que passado despercebidamente no Império, foi tão elogiado por George Charensoi no "Renaissance du cinema français". Refiro-me à "La ferme du pendu" (A Fazenda do Enforcado), que traduziram novellescamente por "Virgem e Pecadora", assunto rural baseado no amor à terra, com as seqüências de cinema eterno, como o entêro e um casamento pitoresco de aldeia. Charles Vanel está soberbo no homem que morre abraçado à terra, enquanto o arado caminha sozinho puxado pelas juntas de bois. E' uma obra prima de beleza rústica como "Amor à terra" de Renoir e "Mãos Vermelhas" de Jacques Becker. A cena que George Sanders persegue Dalio numa praia e o envolve com uma rede, faz de "O cavaleiro da Aventura" obra notável de Duvivier. Grande Othelo morrendo asfixiado em "Amei um Bicheiro" e a cena da Igreja com Rute de Sousa em "Sinhá Moça", honram a arte das imagens, não esquecendo o tom primitivo e bárbaro, auxiliado por uma plástica insuperável e uma noção superior de cinema.

Refiro-me a "O Cangaceiro". Há momentos que me lembraram o melhor Murnau e Fritz Lang do cinema mudo, como a louca supondo que vai ser ferreteada; o salto do gato e cavalgada ciclópica dos cangaceiros a cantar, deslizando lentamente por um luminoso crepúsculo.

**Dedicação ao amigo aspirante,
a NEWTON PALMA**

Então é preciso
salvar a eloquência antiga
para outra vez ficarmos sem pa-
lavras.
E ofuscar tudo que não seja
cristal para o primeiro olhar.
Morreram em nós os sonhos
sem a unção dos atos
que se imantam no abismo
que é das nossas esperanças.
Seja tua minha pena
para que assim me absolvas
da morte na tua espada,
única como amiga
solidária aos versos inúteis.

JONES ROCHA

DISTÂNCIA DISFARÇADA EM MIM

*Homem nevado de lonjuras, o que sou.
Despaísado numa distância triangular:
— você, nosso desejo, eu.
O mapa de estradas irreversíveis (1),
sem encontro, sem volta para o colo da amada descoberta.*

II

*Despaísei-me (suficiente) para ter direito
em outros mapas, e buscá-la.
Mas tudo lonjuras, ausência de novo...*

III

*Hoje, então, regressarei à pátria,
e repartirei o poema
com as portas dos mercados anoitecidos,
com as esquinas que encompridam no meu corpo.
Convidarei um pária para bebermos,
(jarra eterna)
um sol de flôres em homenagem ao desencanto da amada.*

IV

Ela surrealizou-se no comportamento de todos os mapas.

SILVA FREIRE

POEMA

Estavas parado,
parado na noite da beleza
quando eu te surpreendi:
— Menino ou Anjo?

Olhos-estrêlas, olhar líquido de manhãs
e teus cabelos espalhados pelas constelações
enredam meu destino.
Bôca ainda não colhida
que desconhece a ânsia do desejo.
Mãos inéditas para a vida,
que do amor pressentem apenas o gesto.
Corpo-sugestão de itinerários olímpicos.

E a pergunta dos teus olhos?
— Vem comigo e eu te mostrarei.

E fez-se luz no Aeroporto.

Enquanto muitos te amam em várias direções,
eu serei o guardião da tua beleza.

VAN JAJA

OSIRIS...

(cont. da pág. 7).

passamos a dar valor a certas alegrias menores que ele nos proporcionava. Nas noites de verão, observávamos as estrêlas. Dava prazer à gente saber que éramos centenas, ali naquela árvore, todos com os olhos voltados para um mesmo céu longínquo e crepitante. A noite rodava, acima de nossa cabeça, os seus astros, como uma engrenagem cintilante e enigmática.

A segunda viagem de nosso pai durou quase o mesmo que a primeira. Era inverno e os matos do quintal irradiavam, na sua tranqüillidade, uma saúde comovida. Vimos quando ele se aproximava pela rua de terra avermelhada, com as suas maletas, o seu chapéu de fita vermelha, o seu fato listado. Ele devia sentir no rosto a frescura da manhã, que daqui de cima nós viamos se estender clara sobre o vale. Nosso pai caminhava sem pressa, subindo a rua, a cabeça baixa. Cada vez mais perto, o sol batia na aba de seu chapéu, ergue um pouco o

rosto e some coberto pelo telhado. Voltamos nossa atenção para o quintal, onde certamente ele deveria apontar. Já então a árvore estava muito alta, quase duas alturas da que possuía quando ele viajara pela primeira vez. O quintal era menor aos nossos olhos, a casa também, os detalhes esbatidos na distância. Anoiteceu sem que nosso pai aparecesse. Dois dias, três dias... em vão! Por fim, já nos havíamos acostumados à certeza de que viajara mais uma vez. Foi quando o descobrimos perto da sepultura de nosso irmão mais novo, as mãos na cintura, mirando. Ficamos a observá-lo. Momentos depois, ele se move, anda pelo quintal, examina as plantas viçosas. Dada a altura da árvore, que parece ir se tornando mais alta a cada minuto, a sua figura é agora tão miúda que penso ver uma formiga. Antes de cair a noite, nosso pai desaparece dentro de casa. Desde essa tarde, quase não volta ao quintal. Se o faz raramente, é para recolher alguma roupa ou estender um pano ao sol; senão, com outra qualquer finalidade que não lhe exige

demora. Uma novidade recente foi a chaminé, que pareceu despertar de seu prolongado sono: uma fumaça tênue e azulada começou a sair do seu bico durante todo o dia. Não sei por que, a contemplação cotidiana dessa fumaça subindo no ar em volute; delicados, e achiam-me de tristeza. Passei a sonhar com nossa mãe; passava tardes inteiras a recordar pedaços de nossa vida lá em baixo. Essas lembranças enchiam-me os olhos de lágrimas. Temia que meus irmãos percebessem o que se passava comigo. Mas a coisa atingiu um limite e eu não pude mais resistir. Deixei que anoitecesse e que eles dormissem. Então, cuidadosamente, comecei a descer. A altura do cajueiro era agora surpreendente. Meus pés vinham apalpando os galhos, descobrindo apólo nas saliências da casca rugosa. A meia altura, parei exausto. Olhei para cima e vi, por entre as folhas as estrêlas no seu giro. Meus irmãos dormiam lá no alto, já tão distante. Sob meus pés abria-se um abismo de treva, em cuja garganta o tronco do cajueiro se perdia. Pensei em desistir. Mas prossegui

na descida. Quando meus pés tocaram o solo, amanhecia. Um galo cantou de repente sobre a cerca do quintal vizinho. Saltei o muro de pedra e pulei dentro de nosso quintal. Atravessei a sua quietude, tudo tão estranho e tão conhecido! A cozinha. Entrei de vagar, como se tomasse alguma coisa. O armário escancarado, a mesa, uma colher em cima, enferrujando. Um soluço crescia na minha garganta. E quando ouço um ruído na sala e corro para lá. Chego a tempo de ver o calcanhar de nosso pai sumir na porta da rua. Grito. Um segundo, e o seu rosto reaparece na abertura da porta. Ele indaga com as sobrancelhas. Peço que entre um instante, precisava falar-lhe... Atende-me, deposita as duas maletas ao lado da porta, tira o chapéu e fica a movê-lo nas mãos. Está com o terno listado; a camisa agora esflapa no colarinho. Envolve-o numa ternura que ele não percebe. De olhos presos no chão, espera que eu diga o que pretendia dizer e o despache. Sinto isso na posição de seu corpo. Não me de-
(Cont. na pág. 2).

INCONCLUSO

(Para José Carlos, poeta irrevelado)

Já que as horas se passam
cruzamos os braços e fiquemos esquecidos
numa longa viagem de retorno.
O' as noites de azulejos que encontrei nas memórias
e seguem conosco para o abraço do recém-chegado!
O drama é louco, puro e dissolvente,
morre ao calor do primeiro ato.

JOÃO BAPTISTA MACHADO

POEMA

Tudo sumiu na distância...
Só meus olhos ficaram mirando
como duas tochas acesas
— Tudo se perdeu no entendimento obscuro.
Seus braços cansados, porém,
continuaram a pedir aquilo que não virá.
O Tempo aumenta a ância
desesperadora de criar.
E destrói a criação
pela incapacidade de sustentá-la.
Há flôres que morrem
e não chegam a se libertar
do ventre que as gerou.
Por isso o esquecimento seria a solução
para estas janelas que se fecham ao nascente...

AMÁLIA VERLANGIÈRE

FORMAS

Penetração pela morte dentro do movimento
domínio de formas em floração
gesto sem fim pela paisagem ainda vazia.

A morte ao alcance das mãos
sargaços sobre águas intranquillas
e o desespero da gratuidade das coisas.

Seios brancos na manhã crescente
águas penetradas de sol
volúpia de fôlhas, algas, sombra e carne
igreja calma de pensamentos velhos
terra úmida na iminência de fecundação
árvores cercadas de crepúsculo
mulheres de sexo perfeito
dançando no horizonte claro.

O momento, intacto, quase sorvido pelo corpo
mas a morte ao alcance das mãos.

ANTÔNIO OLINTO

ALTO DA BÔA VISTA

Os ramos, refletidos em suas águas
tranquillas e silenciosas,
não alcançam sua solidão,
nem mesmo quando sopra o vento
e eles se agitam inquietos,
ferindo a imobilidade das coisas.

Das árvorese que o cercam,
êle apenas toca, de leve,
nas centenas de raízes
que o bebem.

E. C. CALDAS

OSIRIS...

(Cont. da pág. 3)

O irmão mais novo também não subiu para a árvore. Vinha para o quintal, às vezes, e ficava, com a sua cabeça de cão a fitar o nosso pai nu, em seu ofício. O menino não o amava, sabíamos. De repente, avançava sobre o velho, latindo ameaçador. O velho pai o esborçoava duramente, impiedosamente, fazendo-o afastar-se ganindo e trisar-se debaixo das plantas, a um canto do quintal. Nós, daqui de cima, assistíamos. Meus irmãos, e eu inclusive, ríamos e cochichávamos entre um rumor de fôlhas que se propagava por todo o cajueiro.

Certas tardes, o irmão mais novo aproximava-se da cerca e ficava a nos fitar com uma grande tristeza em seus olhos de cão. Gritávamos, penalizados, que subisse. Ele sorria melancólico, era impossível. E nós o sabíamos, como se sabe, sem compreender, que as coisas são impossíveis. Dava-se a uivar até altas horas da noite, sem que nada se pudesse fazer por ele. O seu uivo foi se tornando, cada dia, mais doído e desesperador para nós. Como fazê-lo calar? Era já isso que nos preocupava, mais do que aplacar o seu sofrimento. Esse é o perigo dos que sofrem em voz alta. Para nos ver livres de seu constante lamento, não hesitamos em lhes desejar a morte, em cometê-la mesmo. Aquele uivo já não nos permitia gozar a tranquilidade de nossa vida vegetal. Acompanhá-vamos o menor movimento de seu corpo, na esperança de que ele caminhasse para dentro de casa e fôsse se deitar, como outrora, sob a mesa da cozinha. Muitas semanas se passaram e o lamento não cessava. Durante todo esse tempo, nosso pai desaparecera do quintal. Momento ou outro, ouviam-se uns batidos dentro da casa, ou então era a sua sombra alta e magra, de homem nu, que cruzava a porta da cozinha. Os ruídos eram às vezes fortes e breves, às vezes demorados. Duas semanas mais, e agora o nosso irmão mais moço já se havia transformado inteiramente em cão. Quase inteiramente: havia alguma coisa sob aquela forma que ainda lembrava o antigo menino de mãos estranhas. Crescera-lhe uma cauda longa e seca; os braços e as pernas ganharam a conformação das patas. De repente, o uivo cessou! Foi ao amanhecer que demos pelo fato. Ele uivara toda a noite, lembrávamos-nos. Mas agora ninguém sabia dele. O quintal vazio, com seus matos silenciosos, seu sol matinal batendo na terra escura. Onde estaria? Entrara? Felizmente entrara! Não, um rumor esquisito que chegava agora aos nossos ouvidos, era prova disso. Alarmados, constatamos que ele roía furiosamente o grosso tronco do cajueiro. Gritamos que nos deixasse, que não lhe tínhamos feito mal algum. Ele interrompeu o seu trabalho para nos lançar um sorriso cruel, e recomeçar, em seguida, como se temesse perder um segundo, e com uma violência alucinante. As lascas do tronco iam caindo aos seus pés, a cada abocanhadela enfurecida. O cajueiro não resistiria. A boca de nosso irmão funcionava como uma máquina infernalmente devoradora. Ele ia comendo em redor do tronco, e, a cada volta, tornando mais profundo o corte. Nós aqui de cima, em pânico, continuávamos a rogar-lhe que desistisse de seu intento. Ele porém, entregava a seu impeto destruidor, nem sequer nos ouvia. Já por fim o insultávamos, gritávamos-lhe maldições. De súbito me parecia ver, entre uma dentada e outra, um sorriso diabólico perpassar pelos seus lábios. Mas o seu furor começa a

decrecer. Já os seus golpes não surtiam o mesmo efeito, espaçavam-se. Breve, e não surtiam efeito nenhum. Ele sentou-se nas patas trazeiras, derrotado, e começou a latir para o alto da árvore, donde nossos olhos o espreitavam, contentes, entre a folhagem. Éramos cento e tantos. O cão se levanta e vai caminhando lentamente, na direção do quintal, sob as nossas gargalhadas. Súbito para. Nós também sustemos o riso, amedrontados. O ódio lhe arregaçava a boca, os dentes agudíssimos à mostra, a gengiva ensanguentada do trabalho. A cabeça parece fulgurar, tanta a raiva. E ele investe demente e cego contra o tronco, morde-o, remorde-o, desvalidamente, e geme e soluça. Em seguida, diante de nossos olhos surpresos, ele se volta contra a sua cauda e a decepa duma dentada. A raiva redobra, ele se morde nas pernas, e gane, e nas ancas, donde caem os nacos vivos de carne. E nós vimos essa luta diabólica. E ele caminha para o quintal abocanhando-se, devorando-se e gemendo, à medida que caminha, uma fúria sem decréscimo. E, ao chegar ao centro do quintal, a parte trazeira de seu corpo, até o dorso, estava totalmente comida, descarnada, era já o esqueleto sangrante que as patas dianteiras arrastavam e a cabeça alucinada ainda mordida, embora sem a mesma força. Ali, ele rolou morto.

Foi nesse instante que vi o nosso pai que sorria, debruçado à janela da cozinha. Sumiu da janela e reapareceu na porta, saindo para o quintal. Estava agora vestido de calças amarelas listadas de preto e presas por suspensórios verme-

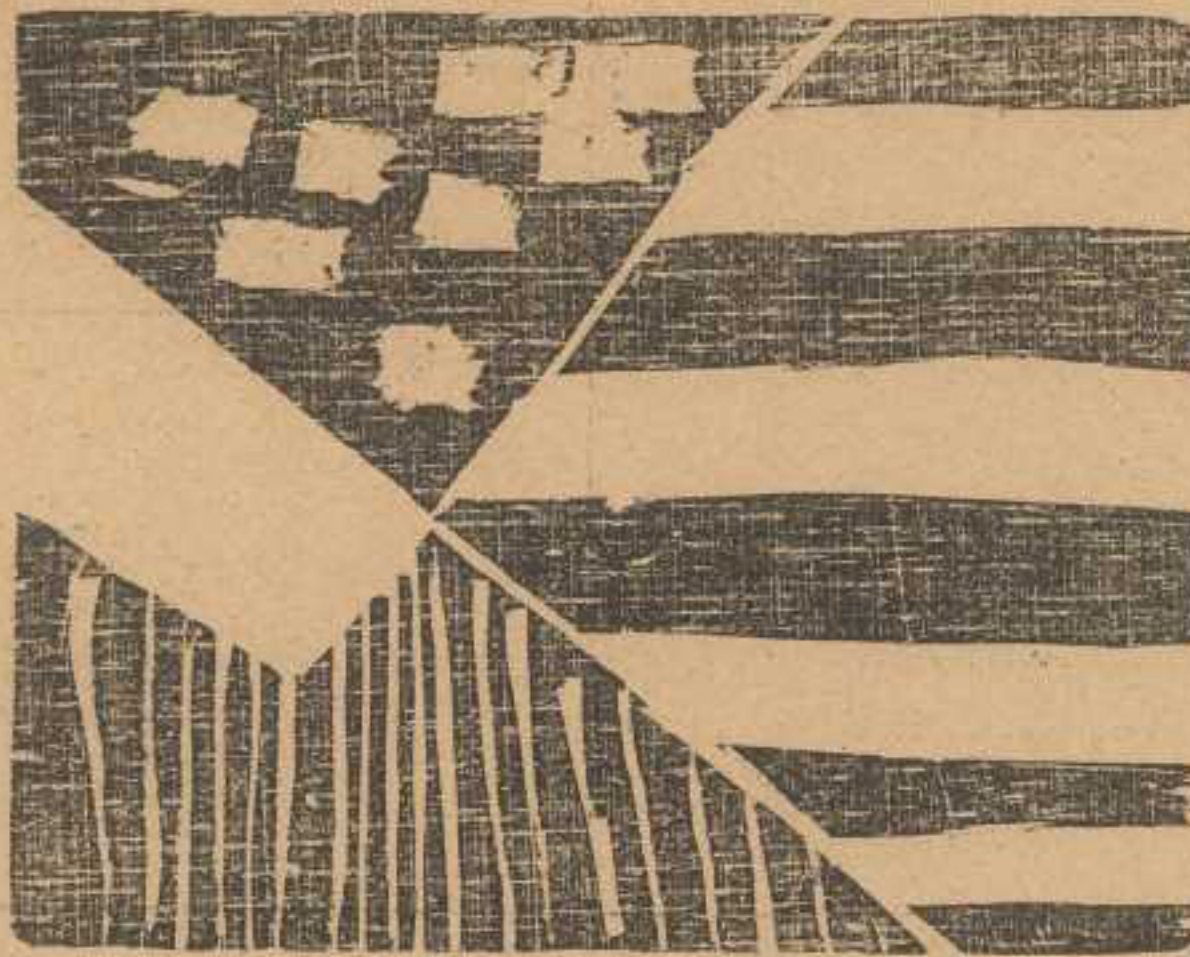
lhos muito largos. A camisa engomada era duma brancura em que mal se podia fixar a vista, sob a claridade. Aproximou-se do cadáver de nosso irmão, inclinou-se sobre ele, examinou-lhe os olhos arregaçando-os com as pontas do indicador e do polegar. Ergue-se e caminha para dentro de casa. Minutos depois, volta com uma pá e começa a cavar, ao lado do muro de pedra musgosa. Nós, daqui de cima, o observávamos. No movimento de seu trabalho, sua cabeça sob e desce, brilha no sol, apaga-se na sombra que o muro protege. Pronta a cova, aproxima-se do defunto filho (o nosso irmão!), e arrasta-o, como a um frangalho, e joga-o dentro. Some outra vez pela porta da cozinha e logo regressa com duas fôlhas de jornal dobradas, que lhe encobrem quase todo o corpo. Ajoelha-se à borda da cova, estende as fôlhas do jornal cuidadosamente sobre o defunto. Levanta-se, distende os braços para o alto, como para desemperrá-los. Meus irmãos deixam escapar uns risinhos mal contidos, e quase imperceptíveis. Nosso pai toma da pá e começa a devolver à cova a terra amontoada ao lado. Por alguns momentos, tudo era um grande silêncio. A gente sentia as folhas quietas rodeando-nos. Só se escutava a zoadá concisa, e monótona na sua regularidade, que a pá produzia ao colher a terra. Com o prosseguimento, os gestos ritmicos e sempre os mesmos de nosso pai manejando a pá, na sua fatal repetição, já nos pareciam ter, como verdadeira e única finalidade, provocar aquela zoadá. E de tal modo isso se afirmou em nós, que, se por qualquer razão, um dos golpes da

pá não se fazia ouvir, tínhamos a impressão de que os gestos de nosso pai, entre a zoadá anterior e o novo mergulho da pá na terra, tinham fracassado. E isso parecia doer nele! Em dado momento, quando repetidas vezes não se ouviu a zoadá, tive tanta pena dele que os meus olhos se encheram súbitamente de lágrimas, e eu lhe gritei numa voz estrangulada: "Isso não é nada, continue!" Ele voltou a cabeça, o gesto detido no ar, e me fitou verdadeiramente espantado. Fez um meneio indagativo. E eu, envergonhado de minha precipitação idiota, mordida os lábios, e com os olhos pedindo-lhe perdão. Sem nada dizer, reiniciou, como uma máquina, o funcionamento interrompido.

Ja já entardecendo, quando o trabalho se concluiu. As suas calças exibiam agora duas marcas de barro à altura dos joelhos e duas outras, dum lado e doutro, onde ele limpava, de quando em vez, as mãos suadas. Olhou para nós com um ar alegre no rosto. Permaneceu um momento fitando um ponto do chão, ao fim de que, juntou a pá, e com ela numa das mãos começou a calçar com os pés a terra frouxa da sepultura. Sorriu-nos e caminhou para dentro, lentamente, a pá numa das mãos, os sapatos grudados de barro vermelho. Era vermelho o barro do sub-solo de nosso quintal. O sol batia brandamente nas coisas, aquela hora. Aquilo era o mundo; aqueles telhados, aquelas fôlhas que o vento movia levemente. Uma estranha melancolia nos penetrava. Algumas de nossas irmãs esconderam-se nas flores já a murchar, e de lá de dentro, como de aposentos, vinham, humilhados, os seus pequeninos soluços. Não sei para que se chora! Meus olhos também já se enchiam d'água. Como para me salvar, brotou na minha boca, como um hábito novo que despertasse de dentro do meu hábito, uma das canções mais velhas de minha mãe. Antes de meus lábios se entreabrirem para cantarolar, antes que a voz crescesse da garganta, a canção saiu de dentro de minha boca, e eu a ouvi: "a moça era tão azul, na primavera, tão azul..." A voz que cantava por mim era duma paz que fendia meu coração como uma lâmina de ouro. Nunca me senti tão frágil para a alegria, tão pouco para a vida. Eu tinha a minha mãe, loura cantando, deitada dentro de minha boca, o seu rosto sorrindo na minha saliva, e aquela vozinha, atravessando meus dentes, fazia-os translúcidos, como se feitos de cristal.

Era quase noite, embora ainda bem claro, quando nosso pai surgiu no quintal, outra vez, aquele dia. Trajava agora o terno completo, o paletó igualmente amarelo e listado de preto. Na cabeça, um chapéu de palha branco, de fita vermelha. Antes, só uma vez eu o vira com aquele traje: numa tarde de domingo distante. Dois homens jogavam dama diante de nossa janela, sob uma árvore. Nosso pai atravessou o largo, montado numa bicicleta. Uma claridade tranquila vespéral, batia no seu chapéu, no seu rosto, nas dobras da roupa engomada. Os raios das rodas em movimento cintilavam, quebrando em milhares de pedaços a luz do sol. Era uma esfaciação silenciosa. A sombra alongada de nosso pai e de sua bicicleta deslizava na relva e no concreto do largo. Agora ele estava ali. Olhei de novo para o quintal. Nosso pai estava parado perto da sepultura, entre duas maletas que ele pousara no chão naquele momento. O terno enfiara nas mangas e nas calças. Tive um súbita impressão de que ele vestira aquela roupa e vie-

(cont. na pág. 7)



Canção às moças tísicas

VEJO-VOS frágeis e tristes como estátuas de areia
que carregassem a espera em seus sorrisos raros
ó moças tísicas, ó olhares quase lágrimas
mãos que não sabem outros gestos que não sejam adeuses.

É bem pouco viver é bem pouco meninas
de olhos chelos de memórias e verdes nostalgias
de imagens felizes de cidades distantes.

Ah a surpresa da boca que fonte se tornou
ah as palavras vermelhas sobre os amores fanados
ó luas exiladas, ó moças esquecidas da ternura do abraço

Ouçõ o rumor de sofrimentos longínquos vozes vozes
que me falam da cova do doce e rude jardineiro
que ara, semeia e rega os largos campos dos mortos.

O jovens que caminhais tristonhas como se chorasseis
ide recolher a inocência das manhãs e das rosas
antes que soprem do sul os ventos desordenados.

Alberto da Costa e Silva

Debaixo de tôdas as árvores do mundo estava sentado o velho. Ele pensava que já tinha pronta a sua festa; tinha música bem afinada, sorvete e rabeção. Folguemos e dansemos até a manhã armar a sua tolda. Quem podia enjeitar semelhante convite? E como era delicado e como sabia receber! Tinha perfume no bigode grisalho; seu pigarro estava adormecido e horizontal — cem agulhas unidas; por cima dêle uma pasta de sons levemente cinzenta donde as palavras se erguiam, hastes cariciosas. Que beleza! Com os vinhos fa-

çada. Vá, vá, o que ainda faz aqui? Ele obedeceu e correu ao banheiro. Depois, onde houvera o bigode, era mais branco porque não levava sol como as outras partes do rosto. Até que se cortara, de tanta pressa. Como um poeta ridículo e emocionante teve de aparecer de lenço branco tal quem está com dor de dente. Pois foi logo o que ela disse enquanto a barra do seu vestido dava na praia do ar. Você está com dor de dente. Eu me cortei, entou explicar, quase gaguejando. Mentira. A única solução seria mostrar o pequeno desastre

do-o friamente. No portal, a moça esplêndida balançava as pernas. Quando tudo serenou, ela parou de balançar as pernas, deu um pulo no chão. Humilde, o dono da casa tinha os olhos na ponta dos sapatos e viu que eles eram felos demais, embora não pudesse ainda

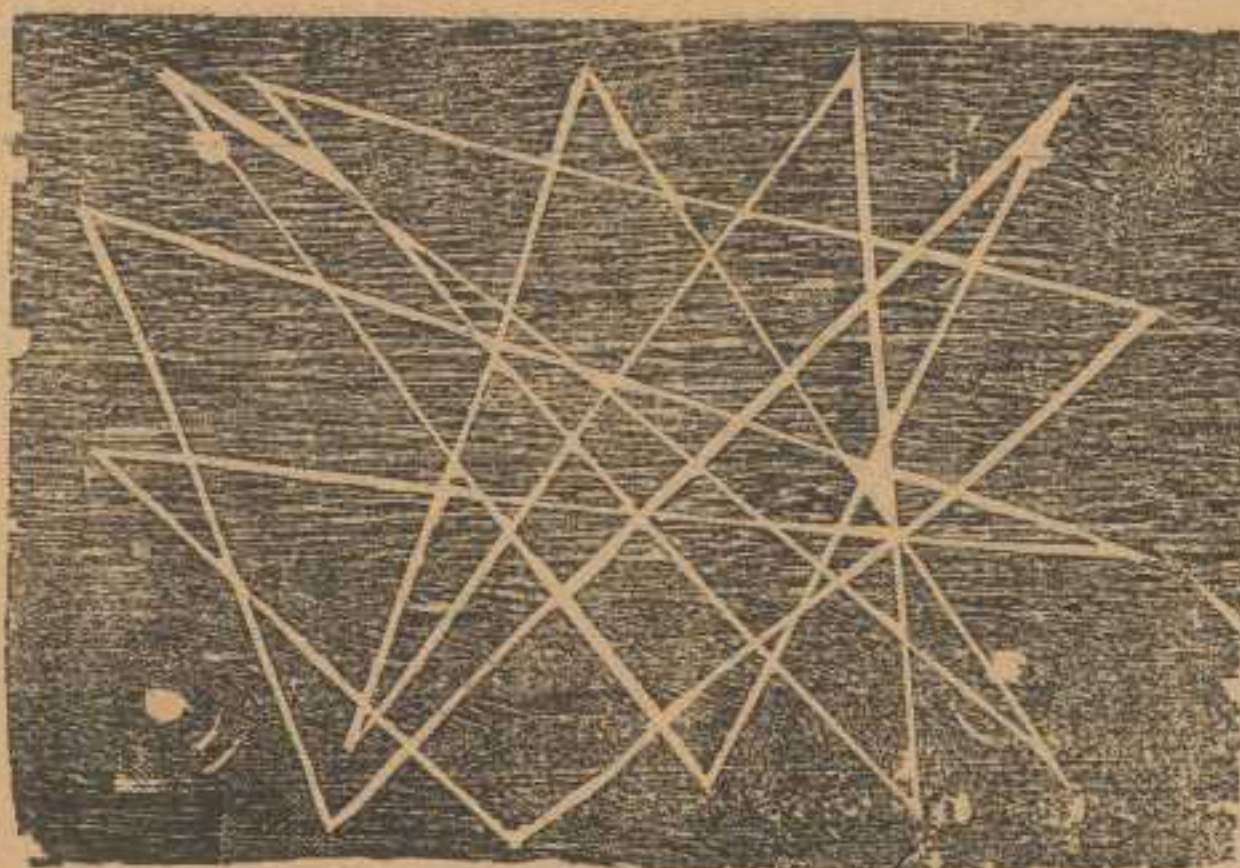
distinguir se era devido à forma dos seus pés ou à do próprio calçado. Ficou como um doido, sentou-se no chão e atirou os sapatos longe. Então pela primeira vez viu que tinha dedo mindinho. Meus Deus! e nas mãos também! Mas a moça não estava mais ali.

Velho, porém verde

LUCY TEIXEIRA

bulosíssimos... a conversa era de matar. O velho, feliz como uma pombinha no colo. Tudo estava perfeito. Depois, ele não perdera a missa de manhã. Sua camisa, com todos os botões bem pregados; as meias bem cerzidinhas. Nenhum buraco. Antes de tomar banho aparara cuidadosamente as unhas. Então, quem está de unhas tão bem aparadas não pode dar a sua festa? Começaram pelos refrescos: de tôdas as cores: verde, amarelo e azul. A grama do jardim estava tão bem cuidada! Os ingleses que lá foram, mesmo de terno branco bem engomado, sentaram-se naquele tapete esmeraldino. Desfolharam anedotas espirituosas e ensinaram jogos admiráveis. As formiguinhas, escondidas entre o gradil minúsculo do capim, (mas ninguém sabia o que elas estavam fazendo) e o velho era um país e a eternidade com todos os ritos. Ao mesmo tempo, que equilíbrio e que frescor! Seus braços brancos de príncipe austriaco, seu ventre só um pouquinho volumoso. E o mais, uma torre, uma cauda de imperatriz na coroação, um transatlântico portentoso com toda a equipagem do que tem de melhor: jovens robustos que tiveram tédio de suas colinas, rapagões da floresta que não quiseram mais se dedicar à caça de javalis. Enfim, eles conheciam o mar. Alegria e mais alegria de caramanchão em caramanchão. Que moça esplêndida sentada no portal! Ele que era o dono da festa aproximou-se com a solicitude que aprendera desde a infância nos melhores colégios das grandes cidades. Era para ela aceitar aquele copo de ponche. Um copo de ponche? Como não? Por que você usa bigode?, esta foi a primeira pergunta feita com a altivez de um puro sangue. Que pergunta, senhorita, que pergunta... A uma senhorita assim deve se tratar com certa esportividade, está-se a ver. E' que os bigodes estiveram tanto em uso quando eu era jovem, fui deixando... Quer dizer que não o cultivo? Ora que moça esportiva! Pois não é? Bem, mais nos isso, eu o cultivo. Você espá-lo, você não é a hora do que há muitos séculos é a mesma. E este ponche esportivo. Pronto, já não tinha o do seu bigode. A moça não parecia um cavalo, mas tão lúcido, ironizando-o. E em sonho ele se visse na praça pública. Horrivelmente cruizou e descrezou as palavras, ameaçando pará-lo vestido semi-transparente. O vento rolava e se delta-uma crina confusa, esbo-

ocasionado com um movimento inhábil. Ela riu e disse: bem feito. A festa estava acabando. Nos caramanchões as luzes vacilavam. Havia bebidas derramadas na escadaria do jardim. O Juiz de Menores estava escandalizado e retirou-se sem se despedir. Ele, atarefado entre os últimos convivas, querendo ajudar como qualquer mordomo sem classe, trocando bengalas e chapéus. As senhoras elegantes passavam cumprimentan-



O RETRATO

No limiar do sonho, sobre raios de sombra,
Estendes indolente a onda longa do corpo,
Desabam sobre os linhos (noite!) os teus cabelos,
Inclinas o rosto enamorada de ti mesma.

Um sópro imaterial acaricia a tua fronte
E persuade tuas pálpebras a quase-sonolência;
O lago em que te miras se enruga humanizado
E te anima e retrata em maneios anfíbios.

Rola de tua nuca uma vaga amorosa
De brandos ardores comovendo teu dorso;
Teus ombros se modelam num smorzando de brumas
A polpa dos teus lábios se enturgesece de dádivas.

Sob a teia nevada da gaze resvalante
Tua nudez se esfuma em contornos irrelas;
Teus selos mal-velados se arredondam macios,
Os címos coroados por luas violáceas.

Meus cântaros de poesia entorno no teu ventre
Onde sangra, entre musgos, rosa degolada;
Possuir-te seria penetrar o segredo
Do aroma das resinas, dos alvéolos de mel.

Osvaldino Marques

OSIRIS...

(Cont. da pág. 6).

ra postar-se ali diante de mim para que eu o mirasse. Mas ele olhava aqui para cima e gesticulava, dizendo qualquer coisa que dificilmente entendemos: lá embora. Apontou para as planícies que se estendiam depois da via-férrea, longe. Em seguida, voltou-se, ajuntou as maletas e se encaminhou para a entrada da cozinha. Na porta, ao atravessá-la, deteve-se. Arriou uma das maletas no batente e, com a mão desocupada, tirou o lenço do bolsinho alto do paletó, com o qual parece ter enxugado os olhos. Nós o observamos pelas costas. Repôs o lenço, pegou outra vez a maleta e, antes de desaparecer, voltou para nós um rosto triste mas sorridente. Minutos mais tarde, a sua figura alta e magra, na roupa amarela listada de preto, o chapéu de fita vermelha, aparecia lá na rua, que se descortinava parcialmente de cima do cajueiro. Já quase não havia sol. Acompanhámo-lo com os olhos, enquanto descia a rua tortuosa e

sem calçamento, carregando as duas grandes maletas. Vimo-lo desaparecer na curva distante em que a rua se perde à margem dum capinzal deserto.

Depois é que soube: nosso pai era um fraticida! Desde aquela tarde, por muitos anos, a minha atenção se prendia aos trens minúsculos que cruzavam o vale distante. As estações, as épocas, brotavam com a verdura, desabrochavam com as pétalas na claridade do dia, oscilavam com as flores, caíam com elas. Meus irmãos proliferavam pelos ramos da árvore. Nasceram agora pequeníssimos e à semelhança de carrapatos. Não obstante, algo neles não me deixava dúvida quanto ao nosso parentesco. O cajueiro crescia, invadindo as direções que o espaço lhe ofertava. Nosso quintal, abandonado, começava a perder sua vegetação. A cerca derreava, coberta duma teia rala e escura, de parasitas mortas. Os dias claros, atravessados de pássaros. As tardes com seus ventos soltos, duma liberdade que nos feria. Vinham as chuvas. Como por uma janela, eu olhava tudo passar, voltar, passar novamente.

O cajueiro ganhava altura e as ventanias passaram a fustigá-lo com freqüência. Lá uma manhã, cedo, eu observava distraído uma aranhazinha a tecer entre dois talos a sua teia luminosa. Ela trabalhava um pouco acima de minha cabeça. Súbito, algo me faz olhar para baixo: de costas para mim, sentado no velho caixote, nosso pai cortava atentamente um pedaço de madeira, utilizando um instrumento que desprendia laivos repentinos na luz do sol. Era um canivete muito grande e esmaltado de verde. Nosso pai não se voltava. Fiquei olhando as suas orelhas, os seus ombros e a sua nuca funda. Foi-se a manhã e veio a tarde, sem que ele se movesse dali, sem lançar um olhar sequer para o nosso lado. Esquecera-se de nós? Certamente. Vi o sol se fechar e a noite crescer, e o seu vulto franzino ir sendo engolido pela escuridão. Ele cortava a madeira. O movimento de seu braço ia se diluindo na penumbra, e eu tinha a sensação de que ele perdia o seu som, que só então, por senti-lo se apagar, eu soube existir. No último instante, quando ainda era possível distingui-lo entre as sombras, tive a idéia de assoviar, a fim de que ele nos olhasse. Mas, antes que me decidisse, as trevas se adensaram sobre a sua figura o bastante para não mais se ver nada. Fiquei muito triste, fitando o ponto da escuridão onde ele sumira. Não dormi toda a noite, vigiando. Tinha como que certeza de que, por detrás daquela treva, ele continuava a cortar o pedaço de madeira. Ao se fazer dia outra vez, o quintal estava vazio. Esperei, durante toda a manhã, que reaparecesse no quintal. Chegou a tarde, esvaiu-se. Desaparecido o sol, a árvore ainda se ilumina com os restos de douração que a sua luz deixa nas folhas. Nosso pai não vem. Outra vez a escuridão, a noite profunda e tarda. Dias se seguem, e nada. E' que ele viajara, certamente.

O fato de nosso pai nos ter esquecido tão completamente, enquanto que fez nos sentirmos mais longe de nossa antiga vida, aproximou-nos mais ainda do cajueiro, e

(Cont. na pág. 5).

Ele (notava-se mais tratar-se dum rosto estreito do que mesmo pálido) chegou perto de nós, sentou-se, arrancou os olhos (primeiro o esquerdo) e, logo depois, espremeu-os, veja só, no copo como se fosse sal de frutas.

Para provar não sei o que, e em seguida, arrancou as unhas dos

A liberdade das linhas é a primeira intenção da escultura hindú.

E o gostoso da escultura vem da pré-história, isto é, das cavernas nas montanhas Vindhias. O lado do sereno da escultura agrada a religião.

A escultura sempre pende para

Eramos tres. De repente surgiu um homem, éramos agora quatro da mesma estatura. Caminhávamos conversando.

— Não, não toques nessas folhas — disse o desconhecido para Tepeólite — que aqui é proibido. O vento conta todos os segredos para as árvores. A árvore é a morada dos fantasmas. Quem nas folhas esbarra passa a adivinhar. Depois puxou um par de óculos, tirou do cinto com mais de trinta frascos, e pingou em cada lente

— E' seiva extraída do sólo.

Em vez do sol ajudar a árvore crescer até dar fruto nos aqui colocamos o essencial nas lentes e nos alimentamos de luz.

Não existe o tempo, o que há é o espaço.

— Ó, que pena eu ter que morrer de câncer, gemeu Tepeólite.

— Morrer por causa do câncer? Que bobagem, meu Tepeólite!

Bateu no braço dele e continuou: O câncer é a ausência do puz; se por acaso circular um câncer ele não poderá se alimentar até se transformar em puz e ser expulso do corpo.

As côres incham certas pessoas. — Veja essa ruga na testa do Zé, eu aposto que foi causada por um azul, pela luz de um azul, no entanto, essa outra é culpa dum amarelo, e só poderá desaparecer com massagens de XXP enquanto estiver com febre provocada por uma gripe.

— Olhe um cágado, gritou chelo de alegria, Tepeólite.

— Não, aquilo é um gafanhoto — foi a resposta.

MENSAGEM B

W. DIAS PINO

dois polegares — escamas da aflição — e tampou os buracos donde saiam dados com algarismos romanos perseguidos por gatos franceses.

Já ia arrancando os cabelos loiros, quando o Zé chegou para vê-lo — o Tepeólite — ir enfiando, um por um, no ouvido direito como se fosse sons vindo da infância até ficar na calva um mostrador de relógio violeta e sem ponteiros.

As angústias choviam.

Era a repetição bíblica fotografada.

O nariz começou — quero dizer — brilhar tanto que se foi derretendo e pingando números de folhinha até ficar uma caderneta rôxa com endereços telefônicos de meretrizes. Era, como ia dizendo, o anunciador do dilúvio gorado dentro, azul, duma caneta-tinteiro meio japoneza da colegial copacabana.

Em sua testa, meu amigo, por isso o suor era transformado em botões e os dedos em guisos. Do pescoço eram letras que cabeceavam como bandeiras políticas cheias de sono. As orelhas, as orelhas, essas caíam em casca de banana enquanto o tal virava, do lado avêso, o seu sapato de lona de circo, vermelho.

Agora ele rodeava, como se fosse uma corrente de relógio, o umbigo.

E a diferença entre ele e nós era uma girafa enrolada por entre os degraus duma escada.

Saimos.

Entramos numa exposição.

Falou Tepeólite:

— Na maneira de olhar, e, depois, de ver, está o modo de criar. Enquanto os ocidentais, presos ao quadrado das molduras, dos arranha-céus, das janelas, os chineses, devem ao desenrolar dos rolos de pintura a delicadeza surpreendente de sua pintura. Conforme o estado espiritual — coçou-se — do admirador, o desenrolar terá o seu ritmo especial, num sentido cinematográfico que ainda não temos. As linhas dos galhos (de poucas folhas) criam harmonia com as curvas das montanhas e o claro das águas, e por tudo isso é que não há vazio — nascem formas abstratas daquele pureza poética que bem sabemos.

Falando em ritmo não devemos esquecer — que modo exquisto de falar como de escrever tem o Tepeólite?! — que os chins pintando linhas interrompidas gostam tanto de dragões enormes — coçou novamente no joelho — porque podem colorir com sensualidade um ritmo que se casa também principalmente, com a forma de jarra. A montanha na tela é a justificação da escultura desse povo de alma tranquila para a arte.

Preste atenção Zé, a arte religiosa exige uma exatidão e minúcia e pouquíssima alegria. A filosofia hindú, puramente, alegria no mais gostoso sentido, não poderia encontrar apoio, principalmente, na pintura chinesa.

o sensual como o amarelo para ser riscado, para sofrer; o vermelho para cruzar; o azul para não ser interrompido e o verde para fazer curva. Bem, do sensual é fácil pular ao motivo decorativo — é a liberdade e a luxúria. Tepeólite — vós sois o para-brisa de Cristo!!!

Ora veja, mas ora veja que absurdo esse do — é mesmo cretino, Tepeólite, em falar sobre essas coisas quando já estávamos sendo chupados pela "unidade tripartida.

Fomos chupados.

Morcegos desenhavam, em vôos, estrélas, teias, fantasmas de estrélas.

Sapos em forma de violinos.

Flôres de escamas.

Fomos depois aproximando da pedra grande de cristal.

Tremíamos fazíamos na verdade "cara feia" — a boca repuxada — como para impedir que nosso pisar — os ombros, também encolhidos e mais suspensos — não fizesse barulho.



Silva Freire, numa memorização a na... um de W. D. Pino.

DUALIDADE

Para meu amigo Fausto Cunha

Fizeram-me argila e flôr e com perfume alimentei o mar: vaso puro e rosaquarium entre licores e a manhã sou eterna essência e morro, e realizo tardes sem sofrer.

A argila é fria e sonha. A rosa é alma e vive.

Elcio Xavier

LENTE

Para Fernando Soeiro

Passos desolados no subterrâneo estamos transitados de ruas visão do mundo tanta vez câmara suspendida panoramizando ou lente próxima enterrada mudo câncer.

Vacilante o erguer da manhã para continuar a germinação segura e necessária da vida maior.

Crianças brincam enquanto alguns homens-aranha tecem sombras, mas há milhões de punhos e corações de juventude fraterna arrojando das terras mais sofridas as velhas trevas fabricadas.

Lutz Carlos de Arapey

"CANÇÃO DE DESPEDIDA"

A hora há de chegar
E os meus olhos cansados
Do muito que viram
Deixarão de enxergar...
E os meus ouvidos cansados
Do muito que ouviram
Deixarão de escutar...
E a boca cansada
Das palavras inúteis
Deixará de falar... z

A hora há de chegar
E o meu pobre corpo
Cansado, esgotado,
Há de repousar...

A hora há de chegar
E a alma cansada
De viver prisioneira
Triste, encerrada,
Há de se soltar...
E, sem dor, sem cansaço
Esquecida de tudo
Sem nada lembrar
Partirá, sem saudades,
Por montes e vales
Por astros e estrélas
A procura de Deus
Do Silêncio e da Paz!

Regina Corção

O POETA DANÇA PARA OS MORCEGOS

Como já se pesasse sobre a cid de deserta agônico silêncio, o por acocorou-se e mijou todo o vir que lhe pesava na cabeça. E pois ficou triste, e disse para mesmo: agora que estou leve com uma pluma, e tenho as molares corpo líquidas, poderia dançar e apagar-se no deserto do céu as timas estrélas. Mas nem um tador sequer vejo, nenhum bundo, nenhum demente, os ritmos dos meus passos um formidável morcego mendo aos pés do poeta tro o precedeu. E mais em diante uma nuvem e voava sobre a cabeça do ta. E ele continuou a dançar os morcegos, que cansados acocoraram-se ao fio da adormeceram.

Alcida